

## POLIFONIAS NO DISCURSO DOCENTE

Este capítulo visa apresentar uma síntese das informações recolhidas nas entrevistas realizadas com os professores e com pessoas ligadas à área de tecnologias na escola no intuito de descrever e analisar os motivos que levam esses profissionais a utilizar as mídias em seu trabalho, bem como o papel que elas exerce em suas aulas e na educação.

Segundo Mishler (1986 *apud* Roland, 2001), as entrevistas são uma forma de discurso particular onde os significados são negociados na medida em que a relação entre os interlocutores se desenvolve na tentativa de fazer estabelecer um terreno acordado entre ambas as partes. O que distingue diferentes tipos de entrevista é o grau de negociação entre entrevistador e entrevistado. As entrevistas não-estruturadas caracterizam-se por uma maior flexibilidade na negociação de significados e na introdução de tópicos não previstos anteriormente pelo entrevistador. Isto não quer dizer, contudo, que o entrevistador não tenha preparado um plano geral para a sua entrevista, mas poderá permitir que os entrevistados saiam um pouco do assunto e tragam novos tópicos à tona. Numa entrevista, também, a troca de significados permite que o entrevistado reflita sobre as questões levantadas e eventualmente, espera-se que reflita sobre sua prática. Nesta pesquisa, ocorreram alguns casos de professores que vieram me procurar depois para complementar alguma coisa que "faltou dizer", demonstrando que eles haviam parado para pensar e aprimorado suas reflexões em torno do assunto abordado.

Entre os interesses centrais dessa investigação, cujo objetivo foi o de produzir, a partir do discurso dos professores, um material que contivesse os pressupostos adotados por eles para a utilização das tecnologias da informação e da comunicação nas escolas e em sua prática de ensino, destacaram-se:

- ❖ As concepções dos docentes em relação ao trabalho educativo, especificamente as concepções em relação ao trabalho com tecnologias da informação e da comunicação;
- ❖ Como os docentes fazem uso das tecnologias na escola (que recursos utilizam, objetivos, critérios de escolha, papel da tecnologia na aula);

- ❖ Se os professores identificam alguma mudança qualitativa na aprendizagem do aluno;
- ❖ A relação do professor com as tecnologias fora da escola.

Como já afirmado anteriormente, as tecnologias não têm o mesmo significado para todos. Além do uso que se faz dela — e que lhe dá sentido — era importante identificar, também, o discurso daqueles que as utilizam, para perceber que idéias os movem a fazer um trabalho educativo usando as tecnologias. Essas informações ajudaram a compreender os usos que esses docentes fazem das tecnologias em sala de aula.

As entrevistas foram realizadas com alguns professores das aulas observadas, com as funcionárias ligados ao audiovisual e ao laboratório de informática e com dois professores responsáveis pelo setor de mídias nas outras duas escolas visitadas. O perfil desses entrevistados pode ser assim apresentado :

<b>Professores</b>	<b>Disciplina ou função</b>	<b>Idade</b>	<b>Tempo de serviço</b>	<b>Séries que leciona em 2003</b>
A	Inglês	52	25 anos	3ª série EM
B	Francês	47	22 anos	5ª e 6ª série EF
C	Desenho	57	22 anos	7ª série EF e 1ª EM
D	Filosofia	50	9 anos	1, 2ª e 3ª série EM
E	Artes	40	15 anos	1ª e 2ª série EM
F	História	46	22 anos	1ª e 2ª série EM
G	Inglês	32	10 anos	1ª e 2ª série EM
H	Português	50	25 anos	5ª série EF
I	Ed. Musical	53	25 anos	1ª série EM
J	Iniciação à Pesquisa	50	20 anos	5ª série EF

Chamarei a funcionária do audiovisual de entrevistada K, a do laboratório de informática de L, e os dois professores das escolas particulares de M e N, sendo o da escola de grande porte M e o da escola de pequeno porte N.

Vale assinalar que não assisti aulas dos professores M e N das escolas particulares, no entanto, seus relatos sobre as concepções que têm a respeito do

assunto possibilitaram bons elementos para reflexão. Alguns depoimentos de professores mencionados no quadro acima não foram introduzidos neste capítulo por já terem sido abordados em capítulos anteriores.

Como entrevistei pessoas com diferentes funções dentro das escolas, pude perceber que os teores das entrevistas foram um pouco distintos de acordo com os diferentes grupos. O professor M, da escola 1, por exemplo, apesar de já ter trabalhado em sala de aula, atualmente exerce um cargo administrativo e organizacional dentro do colégio, inclusive com capacitação de professores para o trabalho com mídias, o que lhe dá uma visão sobre educação diverso dos outros professores que sempre trabalharam em sala de aula. Seu ponto de vista é mais amplo, pois analisa a educação como um todo. Como sua área de trabalho é no núcleo de multimídia criado por ele no colégio, sua análise sobre as tecnologias no âmbito escolar mostra um conhecimento das pesquisas e estudos na área que não emergiu em outras entrevistas. Já o depoimento do professor N foi altamente descritivo de suas atividades, pois sua intenção pareceu ser a de apresentar um panorama completo de como funciona sua disciplina na escola. As funcionárias da sala de audiovisual e do laboratório de informática da escola pesquisada, pelo fato de estarem diretamente envolvidas com as atividades com mídias, mas desempenhando um papel diferente do professor de disciplina, apresentaram um olhar externo, de observador. A funcionária da informática, porém, às vezes trabalha como professora, ministrando oficinas de informática ou auxiliando em projetos interdisciplinares. Esta particularidade dá a ela uma visão sobre educação bem similar a dos professores. Sua formação em Análise de Sistemas e o fato de ter ingressado no colégio logo no início da implantação dos laboratórios parecem justificar seu depoimento, que contém um vasto conteúdo histórico da caminhada da informática no colégio. Os professores de disciplinas, em geral, falaram dos usos que fazem das tecnologias na escola, seus objetivos e critérios de escolha e o que pensam delas para o processo educativo.

Nesta análise darei destaque inicialmente a dois relatos porque são frontalmente opostos e por isso, suscitam um debate interessante sobre a questão das tecnologias da informação e da comunicação na escola. Um deles é o do professor M e o outro é o da professora de filosofia D (transcrições nos anexos 11 e 12). Essa “querela artificial” (embora nunca tenham se falado, suas falas estão sendo contrapostas nesta análise) demonstra que não há um consenso em torno da

questão da inserção das tecnologias na escola e que várias polêmicas emergem quando se fala na relação mídias e escola.

Iniciarei com o depoimento do professor M, já que ele apresenta pontos de vista bem originais sobre educação, que evidenciam o pensamento de uma corrente de estudos que vem ganhando corpo no Brasil e no mundo (e sobre a qual se refere esta pesquisa): a mídia-educação.

Ao ser questionado sobre sua formação, o professor M explicou sobre sua opção de trabalhar com educação apesar de ter a formação de *designer*. Ele afirma que a função do *designer* é transformar uma coisa que tem uma certa função numa interface com o corpo e faz uma analogia com a educação, como uma atividade que faz uma interface com a mente humana:

*"Só que em vez de você levar em conta a ergonomia do corpo, a gente leva em conta a ergonomia da mente e aí como é que a criança, o jovem, o adulto, a pessoa dentro do seu contexto sócio-cultural, etc, aprende com o que ela interage, quais são os elementos do mundo dela e como que o trabalho educativo, de construção de conhecimento via uma metodologia, via um instrumento pedagógico qualquer que seja, pode se encaixar nessa ergonomia mental."*

Percebemos que este professor entende a educação e a aprendizagem sob a dimensão da interação. Deste modo, ele vai ao encontro da perspectiva defendida por diversos autores (os interacionistas simbólicos, por exemplo) que compreendem a aprendizagem como uma interação na qual o aprendiz tem intensa participação. Outro autor que compartilha desta a idéia, o antropólogo Simmel (1983) vê o ser social como produto de um conjunto de interações, nas quais os sujeitos têm papel ativo a desempenhar, sejam elas de caráter deliberadamente educativo (família, escola, igreja, etc), sejam aquelas em que não estão presentes ações intencionalmente pedagógicas (grupos de pares, relações de trabalho, etc). Vygotsky também destacou em sua obra o valor desse elemento social, dessa interação, como promotora da aprendizagem. É no contexto dessa interação que cada um se desenvolve, constrói seu conhecimento com a ajuda do outro, dentro de suas próprias potencialidades e capacidade.

A idéia da aprendizagem via interação parece justificar a forma como este professor organiza o trabalho com mídias no colégio, pois, ao que tudo indica, há uma ênfase no processo de interação entre os diferentes setores da escola na realização e na organização do trabalho com mídias. Continuando seu

depoimento nesta linha de pensamento, ele afirma que, para ele, educação não é outra coisa senão processos de comunicação rolando entre seres de comunicação em lugares que são ambientes de comunicação.

*"E educar é tornar as pessoas mais competentes do ponto de vista da comunicação, da sua capacidade de diálogo e portanto de interação com seu ambiente, portanto de ganhar ou perder espaços, no mundo do diálogo em que nada é pacífico, é um campo de guerra que a gente tem que habilitar as pessoas, ser cidadão é ter instrumentos para jogar, batalhar uma batalha, jogar um bom jogo nesse campo de confronto, de idéias e valores, porque tudo se dá no campo simbólico, viabilizado pelo campo material."*

Este ponto de vista está de acordo com as idéias defendidas pelos teóricos da Mídia-Educação (Rivoltella, 2000; Belloni, 2001) uma nova área de pesquisa que visa integrar as tecnologias da informação e da comunicação aos processos educacionais. A Mídia-Educação subdivide-se em duas dimensões: a educação para as mídias, que considera as tecnologias como objeto de estudo e a comunicação educacional, que se refere mais à dimensão "ferramenta pedagógica", ou seja, que pretende usar as tecnologias para a melhoria e expansão do ensino. Um dos pilares da Mídia-Educação é a idéia da educação como processo de comunicação. O professor M continua a falar sobre esta questão posicionando-se criticamente em relação à escola tradicional.

*" Para haver comunicação, é preciso haver uma intercessão dos nossos campos de experiência. Então, se a gente não habita um campo de experiência comum, se a gente não é capaz de compartilhar, (a palavra comunicação significa na sua origem troca, troca interativa), então se isso não está acontecendo, então não há comunicação. Então o que eu acho que acontece em sala de aula, por exemplo, caricaturando num extremo negativo, é exatamente a incomunicação. A gente acha que comunica, a gente acha que transmite, a gente acha que ensina e não é bem isso que está acontecendo. Por que? A gente entrou no mundo da experiência dessa criança? Essa criança trouxe o mundo de experiência dela para a sala de aula? A escola teve tempo para lidar com isso? Ou a máquina toda está mais preocupada com outras coisas, outras histórias."*

A idéia da educação como um processo de comunicação está na base do projeto implantado por esse professor no colégio onde trabalha, projeto este que, no começo (e até hoje), gerou muitas questões diferentes daquelas normalmente suscitadas no espaço escolar. Deste modo, o colégio sugeriu que ele fizesse um MBA em gestão escolar para lidar com as dificuldades inerentes a uma inovação dentro da estrutura da escola:

*"Desde que o nosso projeto começou, ele tinha essa proposta, trabalhar a comunicação dentro da escola e não apenas na sala de aula, mas na instituição escolar como um todo. Então, quando você vai problematizar essa situação, quem troca informação com o que, você vai lidar com questões da organização,*

*com as questões dos poderes da organização, da política interna, de quem passa facilmente, quem tem que trocar, que sistemas você tem que criar para evitar que determinada instância da organização não passe, ou que ela receba aquilo que ela precisa receber, enfim, você fazer esse papel de guarda de trânsito do espaço educativo, você vai lidar com a temática da organização".*

Percebemos que o projeto de mídia neste colégio é algo mais amplo do que apenas inserir as tecnologias nas aulas. Apóia-se numa concepção de favorecimento do diálogo entre as disciplinas e entre todos os setores do colégio, além de habilitar as pessoas a dar significado às experiências.

*"Há algum tempo atrás a gente começou a colocar na escola um problema que é a questão de você elaborar um currículo de comunicação. A idéia de um currículo de comunicação é totalmente revolucionária, porque ela arrebenta de vez com essa coisa arrumadinha do currículo, porque a comunicação é necessariamente comunicação entre áreas, ela não é um assunto em si, o currículo de comunicação deveria ser feito não como uma disciplina chamada comunicação, como uma caixinha, como um quatinho da comunicação por onde os alunos vão passar, não! Ele é o exercício da comunicação feito em todas as disciplinas, entendidas história, geografia, matemática, ou matemática misturada com educação física, todos esses mix que você pode fazer numa perspectiva curricular não linear, multidimensional, eles só são permitidos se você tem uma concepção comunicacional da atividade educativa, do currículo e uma concepção de um currículo que é comunicação, de um currículo que por meio do exercício que é feito na escola, ele está habilitando você a lidar com diferentes formas de dar significado a sua experiência. Isso é comunicação. Educar, visto dessa forma, é assim que eu gosto de ver."*

Sobre a questão das mídias, o professor demonstrou ter uma visão bem clara do contexto social em que os estudantes atuais se encontram, do papel das tecnologias em nossas vidas, do obsolescência das formas da escola trabalhar e da necessidade dela e dos professores mudarem seu enfoque e trabalho em prol da educação desses jovens que chegam hoje à escola. Ele afirma que a formação do professor está muito aquém do que se precisa para se lidar com estas crianças tão cheias de informação:

*"[a formação dos professores] Está muito longe daquilo que o educador precisa como instrumento teórico, metodológico para lidar com uma criança, um adolescente, sobretudo um adolescente de uma cidade grande, cosmopolita como é o RJ, com todas as questões complexas de ordem cultural, social... E sobretudo uma criança que, por mais pobre que seja no país, segundo as estatísticas, tem acesso à televisão, a uma quantidade enorme de informações que estão na rua. Se você parar 5 minutos numa banca de jornal e olhar para as figuras das capas das revistas, você levou ali uma tonelada de informação, de estímulos, de mensagens que estão falando com você (...). Então a gente precisa ter instrumentos prá saber... primeiro, uma contribuição que o comunicador pode dar."*

Sua visão otimista deste novo mundo baseado na abertura da comunicação para todos aparece quando ele diz:

*"Hoje qualquer criança de classe média ou até menos, já tem a sua imagem desde quando estava no útero da mãe. Isso faz parte do processo de "quem sou eu" daquela criança. Estou querendo dizer que no mundo onde tantas pessoas têm tanto poder de comunicação, a ordem política das coisas muda. Claro ainda vão haver poderosos, ainda vai haver gente que vai ganhar em cima disso, ainda vai ter uma hierarquia, mas é uma hierarquia diferente. E certamente, quer dizer, isso é uma coisa que a gente tá observando, isso ruma prá uma coisa mais horizontal."*

Enfim, constato que este professor considera a entrada das mídias na educação como uma oportunidade para a democratização do conhecimento e da cultura, para a ampliação dos sentidos, para a potenciação da aprendizagem. E essas concepções se refletem em sua prática profissional.

Como afirmei anteriormente, o outro lado da questão veio representado pela professora D que, ao falar de suas concepções da tarefa educacional, discordou abertamente do uso da TV ou computadores nas aulas. No entanto, diferentemente do professor M, seu ponto de vista está ancorado na prática de sala de aula. Ela não acredita no trabalho com as tecnologias, e sim no trabalho com textos e diz isso enfaticamente:

*"...eu tenho muita dificuldade com esse incentivo ao audiovisual, porque a gente não deve incentivar o audiovisual, pelo contrário, porque ele [o aluno] já tem o audiovisual o dia inteiro, a televisão, o computador, eu acho que o nosso trabalho tem que ser em cima do texto."*

*"...mas particularmente eu não tenho muito interesse [em trabalhar com tecnologias], mesmo porque eu vejo que cada vez os trabalhos ficam mais massificados, mais copiados, mais empobrecidos, quando, na verdade eu tenho muito mais interesse que o aluno frequente a biblioteca, tanto que os meus trabalhos são baseados em frequência a 3 bibliotecas. Eles trabalham basicamente em biblioteca e fundamentalmente na biblioteca do Banco da Brasil. Os que frequentam aulas de francês vão a biblioteca da Maison. E alguns usam a biblioteca do Palácio Gustavo Capanema. Eu, pelo contrário, insisto que eles usem o menos possível de material da Internet. Por exemplo, eu faço sempre trabalhos que eu tenho exigência de pelo menos 3 referências bibliográficas. É o mínimo. Se o camarada vai pesquisar 3 fontes só, essas 3 fontes tem que ser 3 livros. Ele pode sim apresentar depois 30 sites, mas ele tem que ter tido contato e trabalhado e lido 3 livros. Eu sou contraríssima essa coisa de passar trabalhos prá ficar fazendo pesquisa pela internet."*

Apesar de, na questão do uso das tecnologias na escola, a professora ter uma postura contrária ao uso, ao relatar suas concepções gerais sobre a educação, ela aproxima-se da visão de interação do professor M, pois ela defende a

interdisciplinariedade e critica a divisão do colégio em departamentos. Para ela, deveria haver maior interconexão e troca entre as diferentes disciplinas e professores que trabalham com os mesmos alunos:

*"Eu estou interessada em me reunir com o pessoal de História, de Português. O pessoal de Filosofia é outra coisa. Mas para poder trabalhar com a massa de alunos que a gente recebe eu tenho que ter interação com as pessoas que eu estou trabalhando. E não com o camarada que está fazendo inglês<sup>3</sup> na 5ª série, na 6ª e na 7ª. Eu posso otimamente me divertir indo a uma festa, ou indo almoçar com eles. Mas para discutir o projeto de educação, eu tenho que trabalhar com as pessoas que estão com os mesmos alunos do que eu. Isso de uma obviedade única."*

Esta concepção faz com que ela procure fazer projetos interdisciplinares na busca de um entrelaçamento da filosofia com outras disciplinas:

*"eu não acredito: 1) em trabalhos isolados; o 2) me parece uma loucura, a gente vai fragmentando cada vez mais o conhecimento, os alunos têm 10, 12 disciplinas, o que é uma maluquice, cada um vai lá como se o aluno fosse um armário, abre uma gavetinha, enfia seu conhecimento, o pobre do cara fica enlouquecido, nada tem a ver com nada, então, há alguns anos eu desenvolvo pequenos projetos interdisciplinares. Mas como a minha disciplina é uma disciplina nanica, é uma disciplina que tem um encontro, dois tempos uma vez por semana com os alunos, é uma coisa que eu tenho sempre que embarcar na canoa dos outros."*

Acredito que a vontade de trabalhar em conjunto com outras disciplinas é o que faz com que ela faça concessões ao uso da TV e computador nas aulas.

Ao longo da entrevista, no entanto, a professora D percebeu que sua postura contrária ao uso das tecnologias na escola poderia ser fruto das características de sua disciplina e amenizou seu discurso:

*..."a minha posição está muito referida, a minha posição de resistência ao audiovisual, vem até da minha própria disciplina. Provavelmente se eu fosse professora de inglês ou de francês ou de uma língua qualquer, eu teria muito mais proximidade, muito mais interesse em explorar os recursos audiovisuais. (...) O professor de língua tem no audiovisual um recurso muito maior do que possa ter um professor de filosofia, porque você tem ali não só estrutura de gramática, você tem fonética, acentuação, sotaque, milhões de coisas. Você vê de fato, você tem uma possibilidade de imersão."*

Outra professora que também não pareceu muito empolgada com o uso das tecnologias nas aulas foi a professora H, de português. Sua postura é mais identificada com a da professora anterior. No entanto, ela procura usar estes recursos porque, em primeiro lugar, sua disciplina pede a comparação de

<sup>1</sup> Aqui ela fez alusão ao inglês por ser a disciplina que leciono na escola e ela me usou como referência.

diferentes linguagens (e ela acha que é interessante fazer associações com produtos da mídia) e, em segundo lugar, porque ela tem consciência da importância dos alunos terem contato com a informática (pela questão da inclusão). Ela faz diversas críticas às influências da TV “na cabeça do aluno”, à dificuldade de concentração que as crianças vêm apresentando na leitura dos textos e diz que as tecnologias nunca vão substituir o livro, o papel, a caneta. Ela termina a entrevista dando um exemplo de uso do computador na outra escola onde ela trabalha e mostrando o fracasso dessa forma de uso:

*"Eu lembro que na outra escola onde eu trabalho, os alunos tinham muita dificuldade de ler, de entender; os alunos estão chegando bem mal alfabetizados. E o diretor apareceu com dois programas de computador e era para mostrar para os alunos que aquilo ia revolucionar, que eles iam aprender, que isso, que aquilo. Eu pedi para ver antes de levar os alunos e o que que tinha lá? Tiraram do livro um texto com exercícios e colocaram no computador. Quer dizer, se o menino não sabe ler no livro, ele não vai saber ler no computador. E foi pior ainda porque eles não tinham intimidade com o computador, eles não sabiam mexer e ficaram tão preocupados em mexer no computador, nos botões que aí prestaram menos atenção ainda no texto. Então eu acho que é um a mais, não para substituir, tá?"*

Nesse caso, a professora exemplificou uma situação em que ninguém parecia saber como trabalhar bem com a informática na educação, desde o criador dos programas, ao diretor, professores e por tabela, os estudantes. Tudo indica que os *softwares* utilizados pelo diretor são do tipo que reproduz o paradigma instrucional. Quando o computador é usado como tutor, realmente, o aluno não interage com os colegas ou com o professor. Ele não constrói significados, apenas responde aos estímulos e perguntas feitos pelo programa. Deste modo, uma aula tradicional dada por um bom professor parece ser mais acertado do que usar a máquina.

Os outros professores entrevistados mostraram uma postura diferente ao referir-se ao uso das tecnologias da informação e da comunicação no ambiente escolar, demonstrando uma visão mais positiva em relação a presença das máquinas na escola. A professora G, por exemplo, diz que:

*"Na realidade, qualquer recurso que você possa usar em sala para auxiliar o processo de aprendizagem é fundamental. E principalmente porque essa geração é audiovisual. É a geração das imagens, que pouco lê a parte de literatura. Então você podendo juntar aquilo que eles gostam, com o que estão acostumados e didatizar de alguma forma que complemente seu livro didático e sirva como material de apoio, é imprescindível."*

Mesmo concordando que as tecnologias da informação e da comunicação devam ser incorporadas na escola, com a plena consciência de que os alunos são de uma geração audiovisual, o ponto de vista desta professora é de que as tecnologias, ao entrarem nesta instituição, devem ser didatizadas e utilizadas como complemento do livro didático. Ou seja, para ela, apesar de as tecnologias representarem procedimentos e dinâmicas que podem modificar a maneira como os estudantes se relacionam com o saber escolar, na escola devem se submeter às leis e métodos tradicionais, aos modos como essa instituição sempre trabalhou. Mesmo tendo uma postura mais aberta para o uso das tecnologias, a professora relativiza o discurso ao colocá-las num plano secundário. A consequência de adotar essa prática, é que as mídias acabam se tornando mais um recurso acessório para adornar o currículo oficial da escola.

O professor F compartilha da visão otimista das tecnologias da informação e da comunicação na escola, pois afirma:

*"Primeiro eu acho que os recursos audiovisuais são instrumentos válidos, positivos para o trabalho educativo. Porque eu acho que eles, por serem audiovisuais, trazem mais informações do que a informação do texto escrito, de outros textos. Principalmente história que é a minha disciplina, sem discriminar as outras, mas particularmente história, esse texto, a imagem, a leitura da imagem, a iconografia, ela é fundamental. A música e todo o som, ele pode ser trabalhado pra você pensar a ambientação, o tempo, o espaço...são documentos. Então, quando você permite ao aluno o contato com a imagem além do livro didático, quando essa imagem está sistematizada para o cinema, ou num documentário, ou num filme, mesmo de ficção, etc, eu acho que te permite desenvolver com os alunos potencialidades que você não desenvolve quando você trabalha com o texto escrito."*

Este professor tem uma percepção muito clara das vantagens do uso da imagem, do som e de outros recursos presentes nas tecnologias, especificamente em sua disciplina. Para ele, o conceito de leitura vai além da leitura do texto escrito, ele inclui a leitura de imagens como uma das possibilidades de se trabalhar potencialidades diferentes das que são desenvolvidas com o texto escrito. Neste ponto ele coincide com o professor N, para quem ler não significa apenas decodificar e compreender letras e palavras. Ler é algo mais complexo e amplo, é ler imagens, é ler o mundo, e o professor tem essa função, de ajudar seus estudantes a lerem o mundo de outro modo:

*"O adolescente tem múltiplas capacidades de aprender e a comunicação visual é uma delas. Educar visualmente é educar para a vida."*

A funcionária K, ao refletir sobre a influência do professor na modificação do olhar do aluno sobre os filmes que exibe, faz uma analogia com uma viagem que ela fez a Ouro Preto acompanhada dos professores do colégio. Para ela, o professor que planeja previamente o que vai mostrar no filme, transforma o modo como o aluno vai assimilá-lo. O mesmo aconteceu com ela na viagem mencionada:

*"É uma outra visão. Se você vai sozinho sem ter noção de nada: lindas igrejas, que legal, lindo, maravilhoso! Se você vai com um guia ou uma equipe que te mostra o porquê daquilo, você vai olhar o passeio com outros olhos. Você aprende muito mais, você muda o sentido. Então o filme é uma viagem."*

Quando perguntados quanto a mudanças qualitativas na aprendizagem, todos os professores foram reticentes em afirmar que as tecnologias ajudam neste processo. Todos concordam que tudo depende da forma como o professor vai trabalhar com as tecnologias. Para a professora H depende do assunto, da situação "da maneira como a gente vai conduzir". O mesmo diz a funcionária L, formada em Análise de Sistemas. Para ela, o papel do professor e o modo como ele usa as tecnologias da informação e da comunicação, é fundamental para se conseguir uma boa aprendizagem.

*"É claro que se a escola pode dar isso, sem dúvida ela está acelerando o processo. Se está sendo bem usada a tecnologia na educação no ambiente escolar, você está acelerando o processo de aprendizagem."*

A professora G enfatiza a importância do planejamento para que a atividade dê certo e critica aqueles que usam as tecnologias apenas como modismo. Para ela, sem um trabalho reflexivo do professor sobre o uso das mídias, a atividade não funciona:

*"Aí é onde entra o planejamento, aí é que eu acho que é fundamental. Ah, está vendo o vídeo, está vendo isso, só para mostrar que é moderno, que usa tecnologia, que está de acordo com os PCNs... Às vezes é melhor dar uma aula expositiva bem dada do que usar a mídia mal usada. Aí o papel do professor é fundamental. Ele saber selecionar."*

Ela toca num ponto importante ao mencionar a necessidade de saber selecionar. Pelas entrevistas feitas, pude perceber que os critérios de escolha das tecnologias da informação e da comunicação na escola são basicamente de 3 tipos:

- ❖ A percepção de que a informática é necessária no mundo de hoje;

- ❖ A proximidade com a linguagem do aluno (e deste modo, o fato deles gostarem e se identificarem) e a opção de trabalhar dimensões diferentes;
- ❖ Objetivos específicos da disciplina.

Os depoimentos de alguns professores exemplificam a relação entre uso de tecnologias e objetivos específicos das disciplinas. A professora de inglês fala do que é trabalhado em sua disciplina e do papel da Internet na apresentação destes conteúdos :

*"Nesse projeto específico estou trabalhando muito com eles a importância do inglês. Para que aprender inglês? E a gente está dando ênfase à parte escrita, então eles vão precisar de inglês para textos acadêmicos. A língua predominante da internet, para você lançar qualquer coisa que seja lida mundialmente é o inglês. Então o 1º critério para escolha da Internet foi por aí, porque é uma coisa que eles usam no dia a dia, então já tem uma motivação um pouco maior. Eles gostam. Eles estão lidando, é como trabalhar com videogame. E eles vão perceber como eles vão descobrir coisas que eles não sonhavam em sites em inglês. Acho que esse foi o grande critério: de mostrar a utilidade."*

A professora de iniciação à pesquisa, por sua vez, diz:

*"A pesquisa é uma situação que requer um trabalho de leitura muito intenso, porque você, prá pesquisar, tem que fazer comparações de texto, você tem que confrontar fontes e o computador é um recurso muito interessante além de ser um recurso que os meninos gostam porque tem a questão da multimídia."*

A professora de Desenho é uma das que usam bastante o computador, tendo inclusive feito cursos de extensão em Informática Educativa, além de oficinas em programas como Dreamweaver, Flash, Power Point<sup>6</sup>. Esta professora, além de considerar que o computador tem uma linguagem atual, e que nas aulas no laboratório a relação professor-aluno e aluno-aluno é mais próxima, ela usa o computador porque ele possibilita alguns trabalhos que alargam o horizonte dos alunos:

*"O trabalho com o Power Point, por exemplo, desenvolve a sensibilidade estética, a diagramação, a visão em perspectiva e a pesquisa, além de possibilitar a socialização."*

Uma outra questão abordada nas entrevistas foi a das dificuldades encontradas no trabalho com as tecnologias na escola. Pode-se dizer que a maior parte das dificuldades encontra-se na estrutura da escola : horários que não se

---

<sup>6</sup> Programas de computador que possibilitam confeccionar sites, figuras em movimento e apresentações.

coadunam com as aulas de todas as turmas, falta de funcionários suficientes para conduzir o trabalho no laboratório de informática, falta de conhecimento e interesse dos professores de levar seus alunos para a sala de audiovisual ou para o laboratório, falta de planejamento da atividade. A funcionária L diz:

*"Infelizmente, no início tivemos muita dificuldade de fazer o professor entender que aquilo não era recreação, que deveria ter um planejamento, ele deveria nos procurar previamente para combinar, não é só o horário "ah, o horário é da turma X, ela vem. "Sim, mas ela vem para fazer o quê? "*

De acordo com L, outra dificuldade que ocorre neste colégio é que os professores levam os alunos uma única vez ao laboratório e não dão continuidade à atividade proposta, então o trabalho cai no vazio. Ela reclama também que a direção da unidade pesquisada não promove reuniões de planejamento, nem disponibiliza pelo menos um horário semanal para que as turmas tenham um trabalho mais regular no laboratório. Estes fatores são fonte de muito desânimo para esta funcionária/professora, que é uma pessoa criativa e disposta a fazer trabalhos em que o uso da informática seja realmente transformador.

Em síntese, os depoimentos dos professores e funcionárias cruzam uma série de considerações sobre a questão dos usos das tecnologias da informação e da comunicação que merecem a atenção de pesquisadores interessados no estudo das relações entre tecnologias e educação.